



## Lucia Weiler, IDP

Religiosa brasileira de la Divina Providencia. Profesora de Sagrada Escritura y teología feminista en la Escuela Superior de Teología y Espiritualidad Franciscana en Porto Alegre (ESTEF). Hace parte del Consejo Nacional del CEBI. Colabora en cursos de lectura popular de la Biblia. Integra el Equipo de Teólogos/as Asesores de la Presidencia de la CLAR desde el 2003.

**PALAVRA  
DE DEUS: Fonte  
revitalizadora da  
paixão por Jesus e  
seu Reino**

## Resumen

Este artigo tem por objetivo refletir e convidar a refletirmos sobre a força da Palavra de Deus, como fonte criadora e revitalizadora da paixão por Cristo e pela humanidade que se concretiza na paixão pelo seu Reino. Em meio a tantas palavras e a polissemia de tantas vozes, no mundo complexo e plural em que vivemos, é preciso, sempre de novo, discernir para seguir a Palavra de Deus Vivo e Verdadeiro. Ela é lâmpada para nossos passos, luz para nosso caminho.

Sequimos aprofundando este objetivo a partir das quatro metáforas legadas pelo Sínodo da Palavra “Verbum Domini”: Voz da Palavra; Rosto da Palavra; Casa da Palavra; Caminhos da Palavra.

Este artículo tiene por objetivo reflexionar e invitar a que reflexionemos sobre la fuerza de la Palabra de Dios, como fuente creadora y revitalizadora de la pasión por Cristo y por la humanidad que se concretiza en la pasión por su Reino. En medio de tantas palabras y de la polisemia de tantas voces en el mundo complejo y plural en que vivimos, es necesario nuevamente, discernir para seguir la Palabra del Dios Vivo y Verdadero. Ella es lámpara para nuestros pasos, luz para nuestro camino. La profundización de este objetivo será a partir de las cuatro metáforas legadas por el Sínodo de la Palabra “Verbum Domini”: Voz de la Palabra; Rostro de la Palabra; Casa de la Palabra; Caminos de la Palabra.

No atual momento da vida cristã, num mundo complexo, no qual escutamos tantas vozes e palavras, é urgente buscar a força original e fundante da PALAVRA DE DEUS como fonte revitalizadora da paixão por Jesus e seu REINO. Quando se fala em Palavra de Deus, o grande objetivo é sempre sua prática concreta no cotidiano complexo e contraditório da vida.

Diante da polissêmica hermenêutica bíblica, desde as leituras mais fundamentalistas até as mais libertadoras, é tempo de discernir a força e o sentido fontal da Palavra de Deus. E também na dinâmica

interna da Bíblia é urgente resgatar a Palavra de Deus a partir de sua origem hebraica: DABAR. Isto é projeto - ação de Deus (1). Segundo a ilustrativa parábola narrada em Mateus, quem constrói sobre esta PALAVRA edifica a casa da própria vida sobre a rocha (cf. Mt 7,24). E mais, não basta escutar ou ler a Palavra. O discernimento da autenticidade da Palavra de Javé, segundo o Deuteronomio, era a sua realização, ou seja, a prática (cf. Dt 18,21-22).

A comunidade do Discípulo Amado apresenta o próprio Filho encarnado como Hermeneuta de Deus: “A Palavra se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).

Contemplar Jesus de Nazaré, ter os olhos fixos na sua vida, na sua prática, nos seus gestos e palavras, é condição para conhecer quem é Deus e entrar numa relação filial com Ele: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9).

Esta breve reflexão propõe-se seguir a intuição hermenêutica sugerida pelo Sínodo da Palavra, como síntese de suas buscas e que chega a nós através da De-

claração final: Voz da Palavra; Rosto da Palavra; Casa da Palavra; Caminhos da Palavra.

## 1. VOZ DA PALAVRA

Afirmar que a Palavra tem Voz leva-nos a mergulhar na oralidade, na narratividade, no entre-espaço, ou no não-lugar, que é anterior à Palavra formulada, pronunciada, contextualizada e escrita (2).

Implica em mover-nos no espaço que está por trás das palavras. Pressupõe uma atitude de silêncio que é condição para a ESCUTA de uma VOZ. E certamente aí encontramos o verdadeiro

lugar da Palavra de Deus. Quando a CLAR propôs e optou pelo lema: “Escutar Deus onde a Vida Clama!”, o fez a partir da consciência dos novos sujeitos emergentes, exatamente nos cenários de exclusão e nos lugares marginalizados da sociedade. Portanto do não-lugar.

Antes de falar da Voz de Deus, a Bíblia narra situações e fatos onde Deus escutou a voz do povo,

*Contemplar Jesus de Nazaré, ter os olhos fixos na sua vida, na sua prática, nos seus gestos e palavras.*

ou de uma pessoa marginalizada, como na história de Agar: “Deus ouviu a voz do menino e o anjo de Deus chamou Agar, do céu, dizendo-lhe: ‘Que tens Agar? Nada temas, porque Deus ouviu a voz do menino do lugar onde está’” (Gn 21,17). Também Raquel reconhece que Deus ouviu sua voz e proclama: “Deus fez-me justiça. Ele ouviu minha voz e deu-me um filho” (Gn 30,6).

Até mesmo o sangue derramado pelo assassinato, como vemos na história de Caim e Abel, é voz que clama: “Que fizeste! Eis que a voz do sangue do teu irmão clama por mim desde a terra” (Gn 4,10). O Deus Criador e Libertador não é indiferente aos clamores da vida. Por isso, para esse Deus o escutar e ver vem antes do falar (cf. Ex 3, 7-10). Nisto contrasta com os ídolos que “têm olhos e não vêem, ouvidos e não escutam, têm boca e não falam”... (cf. Sl 115/ 113B).

A voz da Palavra só pode ser compreendida como voz de um Deus próximo, solidário, humano, encarnado na história, e que desde sempre tomou iniciativa de fazer Aliança com seu povo, sendo a “escuta e a prática da voz de Javé” uma das cláusulas

do mútuo compromisso assumido: “Agora, pois se obedeceres a minha voz e guardardes minha aliança sereis meu povo particular entre todos os povos” (Ex 19,5). E “o povo responde a uma só voz: Faremos tudo o que o Senhor disse” (Ex 19,8; 24,3).

A simbologia do lugar a partir do qual ecoa a voz é bem marcante: da nuvem, da sarça ardente, da brisa suave e, sobretudo, do fogo: “Do meio do fogo o Senhor falou. Ouvistes o som de suas palavras, mas não víeis, no entanto, nenhuma forma, somente sua voz” (Dt 4, 30.33). Aqui podemos perguntar: Por que só se ouvia a voz e não se via nenhuma forma de Deus Javé? E o que diz esta constatação para nós, para nossa espiritualidade hoje?

*A Palavra de Deus está no nosso cotidiano e só se torna completa revelação na prática. Este mandamento que hoje lhe ordeno não é muito difícil, nem está fora do seu alcance. Ele não está no céu, para que você fique perguntando: Quem subirá por nós até o céu para trazê-lo a nós, a fim de que possamos ouvi-lo e colocá-lo em prática?*

*Também não está no além-mar, para que você fique perguntando: Quem atravessará por nós o mar, para trazer esse mandamento a nós, a fim de que possamos ouvi-lo e colocá-lo em prática? Sim, essa palavra está ao seu alcance: está na sua boca e no seu coração, para que você a coloque em prática (Dt 30,11-14).*

Numa releitura ou midraxe de Dt 30,14, Paulo lembra aos que buscam longe ou de forma extraordinária a Palavra de Deus que: “a Palavra está perto de ti, na tua boca no teu coração” (Rm 10,8).

Neste contexto, a expressão “Palavra de Deus” tem *sentido analógico*. A Palavra única, autocomunicação de Deus, se exprime de diversos modos, como “um cântico a diversas vozes”(3). Fazem parte dessa sinfonia também o livro da Criação (*liber naturae*) e a voz dos profetas. Por isso, a voz da Palavra que é de Deus precisa ser discernida no cotidiano, como bem lembra o salmista, que na sua sabedoria

proclama: “Oxalá ouvísseis hoje sua voz!” (Sl 95/94, 7).

A articulação desses vários significados da Palavra aponta para um evento central que transfigura a Voz no rosto de um Deus Encarnado na História Humana: Jesus de Nazaré, o Filho de Deus.

A voz que sai da nuvem, na transfiguração, aponta para outra voz, ou seja, uma nova Palavra de Deus que veio como Boa Notícia: “Este é meu Filho amado que muito me agrada. Escutem o que ele diz!” (Mt 17,5). A mãe de Jesus nas Bodas de Caná aponta para a mesma direção: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2, 5).

*A voz da Palavra  
só pode ser  
compreendida  
como voz de um  
Deus próximo,  
solidário, humano,  
encarnado na  
história.*

A Voz da Palavra, comenta Carlos Mesters, ressoa não só na Bíblia, mas também se faz ouvir na natureza, no universo, na vida, nos fatos, “sem fala e sem palavras, sem que sua voz seja ouvida” (Sl 19,4).

*“De fato, desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, tais como o seu*

*poder eterno e sua divindade, podem ser contempladas, através da inteligência, nas obras que ele realizou” (Rom 1,20).*

## 2. ROSTO DA PALAVRA

O próprio Filho é a Palavra, é o Logos- DABAR: a Palavra eterna fez-se pequena; tão pequena que cabe numa manjedoura. Fez-se criança, para que a Palavra possa ser compreendida por nós. Desde então a Palavra já não é apenas audível, não possui somente uma voz; agora a Palavra tem um *rost*o, que por isso mesmo podemos ver Jesus de Nazaré (Verbum Domini n. 12).

A Palavra de Deus não é um livro, nem mesmo um frio documento histórico. Ou, como alguns preferem “é mais que um livro” (4).

A Palavra tem rosto. Ela tem muitos rostos. A encarnação da Palavra através do Filho de Deus se dá nas diferentes culturas,

como atestam os escritos do Novo Testamento, especialmente os Evangelhos (5). Não é uma doutrina distante de difícil acesso, nem um catecismo de verdades a serem estudadas e decoradas. A Palavra de Deus é o próprio Deus querendo comunicar-se conosco como Pai amoroso, como mãe sempre atenta e próxima.

Quando dizemos que a Palavra tem um rosto, significa que devemos buscar o rosto de Deus por trás de cada Palavra. O valor da Bíblia não está só naquilo que ela diz e ensina. O seu valor está também e, sobretudo, no modo como ela revela a face de Deus. Era a experiência de Deus como *ABBA* que revelava a Jesus o sentido

pleno das palavras da Escritura. A chave para descobrir a Palavra de Deus na vida é esta: alimentar em nós “os mesmos sentimentos que animavam Jesus” (Fl 2,5); buscar uma profunda experiência de Deus e, ao mesmo tempo, como Jesus e como Servo, estar muito próximo do povo, sempre atento aos problemas das pessoas desanimadas, que precisam de

*A Palavra tem  
rost*o. Ela tem  
muitos rostos.  
A encarnação da  
Palavra através do  
Filho de Deus se  
dá nas diferentes  
culturas.

uma palavra de conforto (cf. Is 50,4).

O Rosto da Palavra, lembra Carlos Mesters, é Jesus de Nazaré, sua vida, seus gestos, suas palavras, seus ensinamentos. Ele é a revelação da face de Deus. Nele a Palavra se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). Por isso, Jesus podia dizer: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Ou, “Eu e o Pai somos um”. O Evangelho segundo Mateus apresenta o rosto de Jesus identificado com as atitudes, expressões, exclusões e marginalizações sofridas e ou assumidas pelos menores, os pequenos, os sem vez e sem-voz da humanidade. É interessante perceber certo paralelismo entre as bem-aventuranças e o Sermão Escatológico (Mt 24 a 25,46). Para entrar no Reino de Deus são convidados oito rostos concretos de pessoas: os pobres em espírito, os mansos, os aflitos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os de coração limpo, os promotores da paz e os

perseguidos por causa da justiça (Mt 5,3-10). A parábola do Juízo Final lembra que para tomar posse do Reino devemos: acolher os famintos, os sedentos, os estrangeiros, os sem-roupa, os doentes e os prisioneiros (Mt 25,35-36). Assim, os rostos concretos que representam Jesus, como rosto da Palavra de Deus e prática

do Reino, conforme Mateus, são os pequenos, os excluídos e marginalizados. Ao contemplarmos o rosto da Palavra e falando da paixão por Jesus Cristo e pelo Reino de Deus, voltamos nosso olhar também para pessoas que viveram assim e que aumentaram a nuvem de testemunhas. Quem não lembra de José Comblin? Seu livro “A Força da Palavra” mere-

ce destaque entre tantos outros escritos deixados como herança. Nessa obra, Comblin lembra que a “encarnação” da Palavra apresenta dois aspectos interligados: o clamor dos oprimidos e o anúncio do Evangelho aos pobres (6).

Jesus é fonte da Palavra por-

*Como pedras vivas,  
vocês vão entrando  
na construção do  
templo espiritual,  
e formando um  
sacerdócio santo,  
destinado-a a  
oferecer sacrifícios  
espirituais que  
Deus aceita por  
meio de Jesus  
Cristo.*

que Ele próprio grita na cruz como pobre e abandonado. Mas seu grito, como o de todos os pobres, desde o Êxodo é escutado e acolhido por Deus. Não é um grito de pura angústia, mas de fé, porque nele está o gemido do Espírito (7). Em síntese, diz Comblin: a vida de Jesus continua desembocando sempre na paixão e na cruz. Mas no meio desta angústia, o Espírito está presente e vem ajudar. O Espírito transforma a angústia em fé. Essa fé é a Palavra do Pai. Ela contém em si mesma tudo o que o Pai quis dizer... O próprio grito dos oprimidos já é Palavra de Deus (8).

### 3. CASA DA PALAVRA

Antes de considerarmos o texto do documento *Verbum Domini*, que identifica a Igreja como Casa da Palavra, e a Liturgia como seu âmbito privilegiado (n.52), a proposta é olharmos para o sentido da Casa “*Oikos*” na narrativa bíblica. E encontramos logo com uma expressão correlata à casa que é a tenda. A tenda e a nuvem tornam-se paradigmas simbólicos de acolhida da Palavra ao longo de todo o Antigo Testamento, desde o final do Êxodo e passando pelo livro dos Números,

até a Ascensão de Jesus, passando pela expressiva narrativa da Transfiguração (Mt 17,1-9).

Tendas e barracas não podem ser lembradas apenas como metáforas bíblicas espiritualizadas. São espaços de vida ou sobrevivência, como podemos acompanhar na realidade dos pobres em geral, ou em tempos especiais de catástrofe, como vemos por exemplo em Porto Príncipe, no Haiti. Numa das tendas improvisadas uma pessoa lembrou-se do texto em latim e o escreveu num latão em frente a sua tenda: “*Hic caro factum est*”. Memória desperta de quem acredita que Deus mora junto de seu povo e arma sua tenda no meio dele, como um Deus próximo que é o Goel, defensor dos pobres. O sonho da casa própria está sempre pela frente. Sonho de ter um espaço para morar. Garantia de cidadania. Não só os ricos têm direito de adquirir suas “casas próprias” que muitas vezes são verdadeiras mansões, afronta para os pobres, mas a casa é um direito de todos. No sentido bíblico temos várias passagens que alertam para a função ou o serviço da casa aberta, hospitaleira, acolhedora. Assim as palavras da Sabedoria propõem uma casa



aberta, sem portas nem janelas, mas sustentada por sete colunas. Todas as pessoas têm acesso a esta casa (Prov 9,1-6). Nesta mesma esteira podemos situar as casas como lugar de encontro/assembléia/celebração das primeiras comunidades cristãs (cf. At 12,12ss.) A Casa da Palavra, segundo o Documento Verbum Domini, é a Comunidade, a Igreja. É onde o povo se reúne em torno da Palavra de Deus: “Como pedras vivas, vocês vão entrando na construção do templo espiritual, e formando um sacerdócio santo, destinado-a a oferecer sacrifícios espirituais que Deus aceita por meio de Jesus Cristo” (1 Pd 2,5). Jesus dizia: “Onde dois ou três estão reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles” (Mt 18,20). Ao considerar a Igreja como “*casa da Palavra*” o Documento pensa antes de tudo na Liturgia, âmbito privilegiado onde Deus fala hoje ao seu povo que escuta e responde. Cada ação litúrgica deve estar impregnada da Sagrada Escritura. É o que nos revela o caminho de Emaús, onde a realidade, relida à luz das Sagradas Escrituras, e o convite a entrar na casa provocam a prática da partilha que abre os olhos, faz arder o coração e impulsiona para o caminho

de volta à comunidade e à missão (cf. Lc 24, 13-35).

#### 4. CAMINHOS DA PALAVRA

O Caminho da Palavra é a missão que recebemos como discípulos/as e missionários/as de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. “Caminho” é a palavra usada no livro dos Atos para identificar os cristãos (At 9,2; 19,9; 22,4; 24,14). Indica o compromisso assumido de levar a Boa Nova pelo mundo afora. Aqui cabe a pergunta: Para onde nos levam os caminhos da Palavra hoje?

A presença do Espírito de Deus não conhece limites. No Pentecostes cumpre-se o que fora dito pelo profeta Joel: “Acontecerá nos últimos dias, diz Deus, que eu derramarei meu Espírito sobre toda carne, vossos filhos e vossas filhas serão profetas, vossos jovens terão visões, vossos anciãos terão sonhos; sim, sobre meus servos e minhas servas, naqueles dias, eu derramarei meu Espírito e eles serão profetas” (At 2,16-18; cf. Nm 11,29). Toda a comunidade é animada pelo Espírito. E mais: a presença do Espírito faz com que se ampliem as fronteiras da comunidade incluindo

aqueles que eram vistos como exteriores à comunidade. Os samaritanos, eternos rivais dos judeus e excluídos da comunidade do Povo de Israel, também são banhados pelo Espírito e admitidos ao Novo Povo de Deus (cf. At 8,15-17). Também os pagãos recebem a plenitude do Espírito e, na sua força, anunciam a Palavra que se faz caminho e gera uma Comunidade Ecumênica (cf. At 10,44-48; 11,15-16.24.28).

É preciso SAIR para PROFETIZAR: anunciar, testemunhar. É pela Palavra que Maria Madalena volta para junto dos discípulos e lhes comunica que viu o Senhor da Vida! Mateus lembra que Jesus envia as mulheres, primeiras testemunhas da Ressurreição, de volta para Galiléia, à periferia de Jerusalém. Não apenas as envia, mas as precede, e diz que vai se encontrar com os apóstolos, os discípulos, que estão na casa com portas fechadas e com medo. “Jesus disse a elas: Não tenham medo. Vão anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galiléia. Lá eles me verão” (Mt 28,10).

É preciso SAIR  
para PROFETIZAR:  
anunciar, denunciar,  
testemunhar.

A Palavra tem uma força que por um lado congrega e faz comunhão e por outro lado, dispersa, manda atravessar a rua, uma força que envia pelo mundo afora: “Ide por todo o mundo, façam com que todos os povos se tornem meus discípulos... Eis que estarei com vocês todos os dias até o fim do mundo” (Cf. Mt 28,19-20).

Na perspectiva de Lucas, foi a palavra escutada e partilhada, no gesto concreto do pão partilhado, que levou os Discípulos de Emaús a refazer seu caminho para Jerusalém, para a comunidade de onde estavam fugindo (cf. Lc 24,13-35). Lucas prioriza

Jerusalém porque é lá que o Espírito descenderá para continuarem o caminho desde a periferia para o centro que é Roma, conforme o projeto dos Atos dos Apóstolos: “O Espírito descenderá sobre vocês e dele receberão força para serem as minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os extremos da terra” (At 1,8). A Palavra não precisa de caminhos definidos, já prontos, ela abre caminhos, ela se faz

caminho. Na profecia de Isaías, o próprio Deus fala em forma de oráculo: “Os meus projetos não são os projetos de vocês, e os caminhos de vocês não são os meus caminhos - oráculo de Javé!” (Is 55,8). E o melhor: A Palavra de Deus é fecunda e fértil, comparada com a chuva, a neve a semente, a terra, ao semeador e ao alimento, por isso não volta sem ter cumprido sua missão: “a palavra que sai da minha boca não volta para mim sem efeito, sem ter realizado o que eu quero e sem ter cumprido com sucesso a missão para a qual eu a mandei” (Is 55, 11).

### CONCLUINDO PARA CONTINUAR A PENSAR...

Iniciamos considerando a complexidade do nosso mundo e a multiplicidade de vozes e hermenêuticas que emergem em torno da Palavra de Deus. Continuamos buscando caminhos, rostos, vozes, casas que nos abriguem e dinamizem nossa vida cristã na coerência do seguimento de Jesus: Rosto, Voz, Casa-Morada, Caminho de Deus entre nós.

A mística que sustenta a comunidade em momentos de crise e de conflito com ameaça de de-

sagração e diluição está contida na resposta de Pedro a Jesus: “A quem iremos? Só tu tens palavras de vida eterna!” (Jo 6,68).

As comunidades cristãs nascentes cresciam em torno da Palavra de Deus que ia fazendo caminho e história com seu povo (cf. At 12,24; 19,20). Mesmo estando os discípulos na prisão, a Palavra de Deus não se deixava aprisionar nem acorrentar. “Ser de Deus” é condição para ouvir sua Palavra (cf. Jo 8,47). Concretamente, ser de Deus é caminhar na Luz e na Verdade, deixar-se amar por Deus e amar os irmãos e as irmãs, ser Justo e Verdadeiro.

Olhando para a história da Vida Religiosa, vê-se que não foi diferente. Em momentos agudos de crise e conflito, sempre foi a releitura da Palavra de Deus esparramada na vida e escrita na Bíblia que reanimou criativamente a caminhada. Por isso, a intenção é resgatar a força criadora da Palavra de Deus quando esta é assumida como Projeto de Vida, pessoal e coletivamente. Toda Palavra - Projeto de Deus realizado em Jesus gera o NOVO no Espírito. Este processo gerador de vida e esperança, do

novo no Espírito, passa necessariamente por dores de parto (cf. Jo 16,21). Assumi-las dentro do nosso tempo é sinal profético gerador da verdadeira alegria, que ninguém pode tirar.

Há uma relação direta entre Palavra de Deus, Liberdade e Sabedoria. Somos chamadas/os a nos tornamos pessoas livres, de palavra livre e pessoas sábias, capazes de fazer uma leitura sapiencial da realidade, para fazer ecoar a palavra re-criadora da sabedoria do Reino. Talvez encontremos então em nossa vida o eco do elogio de Jesus: “Não estás longe do Reino de Deus” (Mc 12,34).

Enfim, o lugar privilegiado no qual a Palavra de Deus se revela com simplicidade e amizade é o pobre. A começar por Jesus, que assumiu a pobreza na sua mais total radicalidade. Aí se manifesta a força e a fraqueza da Palavra. Qual brisa suave ela convoca profetas e profetisas para uma paixão irresistível, como perfume sutil da flor sem defesa (9).

Oxalá a Palavra de Deus lida e relida como *Voz, Rosto, Casa, Caminho*, recrie em nós a mística e profecia, permanecendo nossa

fonte revitalizadora da paixão por Jesus e seu Reino.

- 
1. COMBLIN, José. **A força da Palavra**. Petrópolis: Vozes, 1986
  2. TERNAY, Henrique & WEILER, Lucia. “Uma reescuta prática da voz do Êxodo: contribuições da Teologia Narrativa para a Teologia da Libertação.” Em *Convergência* Nov. 1988 n. 127, p. 523-540.
  3. KONINGS, Johan. Comentário sobre a *Verbum Domini*. Artigo a ser publicado na REB em 2011.
  4. SÖDING, Thomas. *Mehr als ein Buch*. Herder, 1995
  5. Assim por exemplo a Ribla dedica um número a esta questão da inculturação da Palavra, sobretudo na cultura indígena, a partir do sugestivo título: **A Palavra se fez Índia**. Ribla 26. Petrópolis: Vozes, 1997
  6. COMBLIN, José. *A força da Palavra*, p. 26
  7. Idem. p. 32
  8. Idem. p. 33. 51
  9. MESTERS, Carlos. **Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo**. Petrópolis: Vozes, 1984.